ALVES, E. M. S. A ludicidade e o ensino de matemática. Campinas: Papirus, 2001.

ANTUNES, P. N. Educação Lúdica. 9 º ed. s/l: Loyola, 1998.

ARRIBAS, Teresa Lleixa. Educação Infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar – Porto Alegre: Editora Artmed. 5ª Ed. 2004.

Art. 1o A Lei n o 9.394,de 20 de dezembro de 1996.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em dezembro de2020.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Práticas Cotidianas na Educação Infantil - Bases para a reflexão sobre as Orientações Curriculares. Brasília, 2009.

BERTTELHEIM, Bruno. Uma vida para seu filho. Rio de janeiro: Ed. Campus, 1988.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S). Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF,1998. CAPON; Jack J. – Planos de aula para atividades perceptivos - motoras: nível 1. 7ª ed. São Paulo: Editora Manole, 1989.

CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação. São Paulo, Cultrix, 1982.

CARVALHO, André; CARVALHO, David. Como brincar à moda antiga. Belo Horizonte: Editora Lê, 1987.

COSTALLAT, Dalila Molina de. Psicomotricidade: a coordenação visomotora e dinâmica manual da criança infradota, método de avaliação e exercitação gradual básica. 5ª ed. Porto Alegre: Globo, 1983.

DARIDO, S. C. Educação Física e Temas Transversais na escola. Campinas: Papiros, 2012.

DURANTE, Marta. Alfabetização de adultos: leitura e produção de textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FAGUNDES, Léa C. A Psicogênese das condutas cognitivas da criança. São Paulo: IP/USP, 1986.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Educação Infantil e os jogos: para uma Pedagogiada Educação Infantil. Campinas: UNICAMP, 1999.

FAZOLO, Eliane; CARVALHO, Maria Cristina; LEITE, Maria Isabel; KRAMER, Sônia (organizadoras) et al. Educação Infantil em curso. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.

FEITOSA, Anna Maria. Contribuições de Thomas Khun para uma epistemologiada motricidade humana. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

FONSECA, Vitor da. Psicomotricidade. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FRIEDMANN, Adriana. A Arte de Brincar. 10ªEd. São Paulo: Editora Vozes, 2012. FRIEDMANN, Adriana. Brincar: crescer e aprender. O resgate do jogo infantil.

São Paulo: Ed. Moderna, 1996.

GIMENEZ, Beatriz Picolo; TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. Brinquedoteca: manual em Educação e Saúde. São Paulo: Cortez, 2011 (prelo).

GUILLERME, Jean Jacques. Educação e reeducação psicomotora. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação: mito e desafio. Uma perspectiva

A IMPORTÂNCIA DA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NOS TRABALHOS REALIZADOS POR PROFISSIONAIS BIBLIOTECÁRIOS

ALDEIZE ARAÚJO DE LIMA SANTOS

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo, analisar a importância da Arte de Contar Histórias como fator de desenvolvimento e inovação para bibliotecários em bibliotecas públicas, aguçando a criatividade, criticidade e também afetividade, refletindo sobre o papel que estas instituições e também os bibliotecários exercem na comunidade aonde ela está inserida, servindo de suporte para que o profissional tenha na contação de histórias um elemento diversificador a mais, o qual agregará novos valores aos trabalhos realizados nesta instituição pública. O bibliotecário não apenas prepara os livros para os usuários, ele em suas ações socioculturais faz uso da oralidade quando se propõe a contar histórias na biblioteca, mas para isso ele procurar capacitar-se através de cursos como a arte de contar histórias.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Contação de histórias; Biblioteca pública; Bibliotecários; Ação sociocultural.

ABSTRACT

This article aims to analyze the importance of the Art of Storytelling as a factor of development and innovation for librarians in public libraries, sharpening creativity, criticality and also affectivity, reflecting on the role that these institutions and also librarians play in the community where it is inserted, serving as a support for the professional to have an additional diversifying element in storytelling, which will add new values to the work carried out in this public institution. The librarian not only prepares books for users, he in his socio-cultural ac-

tions makes use of orality when proposing to tell stories in the library, but for that he seeks to train himself through courses such as the art of storytelling.

KEYWORDS: Art; Storytelling; Public Library; Librarians; Sociocultural action.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade a arte vem sendo aprendida e aplicada através, das habilidades do homem e desenvolvida por meio de suas descobertas e criações artísticas.

Na pré-história, os homens deixaram registrado por meio de pinturas rupestres nas paredes das cavernas as suas atividades do dia-a-dia, tornando seus desenhos conhecidos até os dias de hoje por toda humanidade. Desta forma os trabalhos realizados em uma biblioteca tanto pública quanto escolar poderão fazer parte do conjunto de habilidades apresentadas para crianças, jovens e adultos que frequentem o espaço, pois a arte é muito importante na vida de qualquer ser humano, seja qual for a idade, pois todas as pessoas têm capacidade perceptiva e criativa.

MACHADO (2004, p. 24 e 27), fala que é preciso perceber a realidade do conto, do mundo encantado do "poder ser" para se compreender o efeito que as histórias milenares produzem até hoje no ser humano que somos. Longe de ser ilusão, o maravilhoso nos fala de valores humanos fundamentais que se atualizam e ganham significado para cada momento na história das sociedades humanas, no instante em que um conto é relatado. Segundo ela, o contar histórias e trabalhar com elas como uma atividade em si possibilita um contato com constelações de imagens que revela para quem escuta ou lê a infinita variedade de imagens internas que temos dentro de nós como configurações de experiência.

Vendo por esse prisma em se tratando de bibliotecas os materiais bibliográficos podem servir como suporte para quaisquer atividades que os bibliotecários queiram realizar com seus usuários, utilizando-se do que há na biblioteca para complementação dos trabalhos desenvolvidos, mexendo assim, com o poder imaginário, criativo e afetivo dos participantes.

Assim sendo, numa biblioteca a criança pode brincar com brinquedos, contar ou ouvir histórias, assistir teatro de fantoches, ler, etc., pois as pessoas não só frequentam a biblioteca para fazerem pesquisas, e empréstimos de livros. Elas também participam das atividades culturais ou de quaisquer outras, que estejam acontecendo no Espaço, despertando nelas a satisfação de virem à Biblioteca.

1. Objetivos

Objetivos gerais

Analisar teoricamente a função da Arte de Contar Histórias para profissionais bibliotecários.

Objetivos específicos

- Identificar alguns fatores para facilitar e complementar atividades que os bibliotecários possam realizar contribuindo para o interesse de crianças, jovens e adultos por histórias contadas, cantadas ou vivenciadas;

- Fazer uma análise quanto a função do contador de histórias para melhor desempenho de todos interessados;

- Contribuir para que haja melhorias na qualidade das atividades desenvolvidas em bibliotecas, escolas ou outros espaços afins, sugerindo ações estratégicas para

valorização da leitura, contação de histórias entre outras coisas, no intuito de que as atividades realizadas sejam prazerosas para todos.

- Buscar melhorias na comunicação com escolas, professores e profissionais da área de biblioteconomia.

2. METODOLOGIA

A elaboração desse artigo foi baseada em pesquisas bibliográficas nas áreas de Educação, Biblioteconomia e Contação de Histórias tendo em vista a preocupação de mostrar a importância da Arte de Contar Histórias por profissionais bibliotecários.

3. DESENVOLVIMENTO

MORAES (2012, p. 47), em seu livro, Contar Histórias a arte de brincar com as palavras, nos mostra a quantidade de escolhas que podemos fazer na hora de selecionarmos o repertório para contarmos histórias. Ele chama a atenção para o acervo de histórias escritas no brasil que possui variedade de títulos publicados como literatura infantil e juvenil, outros como coletas ou recontos da tradição oral como: contos, fábulas, lendas e mitos registrados ou organizados por folcloristas, escritores, narrados ou pesquisadores.

Já COELHO (2001, p. 14 e 15), em Contar Histórias: uma arte sem idade, evidencia alguns indicadores que nos orientam na seleção da história a ser contada. A autora destaca o conhecimento dos interesses predominantes em cada faixa etária. Ela mostra a necessidade de o narrador escolher a qualidade literária mesmo quando se tratar de histórias de tradição popular. Segundo ela a história é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança. Sendo assim, devemos fazer uma escolha do que contar para elas conforme quadro abaixo:

FAIXA ETÁRIA E INTERESSES

Pré-escolares	até 3 anos: fase pré-mágica	histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados) histórias de crianças
	3 a 5 anos: fase mágica	histórias de repetição e acumulativas (Dona Baratinha, A formiguinha e a neve etc.) Histórias de fadas
Escolares	7 anos	histórias de crianças, animais e encantamento aventuras no ambiente próximo: família, comunidade histórias de fadas
	8 anos	histórias de fadas com enredo mais elaborado histórias humorísticas
	9 anos	histórias de fadas histórias vinculadas à realidade

Quando uma criança vai à biblioteca, aprende conceitos e desenvolvimento através da manipulação dos livros exercendo a livre escolha de títulos os quais querem ver, pois sendo o acervo aberto à criança tem contato direto com os livros. Da mesma forma através da contação de histórias ela socializa-se. Ela escolhe um determinado livro e começa a contar a história desenvolvendo a arte de representar seu lado criativo, imaginativo, utilizando-se do faz de conta para exteriorizar sentimentos e assimilação do cotidiano. Isto quer dizer que fazendo essa leitura ou contação de história a criança está aprendendo espontaneamente através da sua criatividade.

4. A Contação de Histórias, a ludicidade, e o Teatro de Fantoches, na Biblioteca

O ofício de contar histórias é remoto. Em todas as partes do mundo o encontramos: já os profetas o mencionaram. E por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo em povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida. Porque essa literatura primitiva começa por ser utilitária.

A princípio, utiliza-se a própria palavra como instrumento mágico. Serve-se dela como elemento do ritual, compelindo a Natureza, por ordens ou súplicas, louvores ou encantações, a conceder-lhe o que mais importa segundo as circunstâncias, ao bem- estar humano.

O valor estético vem acrescentar-se, depois, como acessório ao primeiro valor de interesse imediato. Pedir, ordenar, suplicar, louvar – é o essencial. Saber fazê-lo concorre para favorecer o benefício. E implica, também, uma especialização. Escolhem-se os mais aptos para ofício como quem diz: uma seleção profissional. A boa memória, o talento interpretativo, o inventivo, a imaginação, a mímica, a voz, toda uma arte de representar – a capacidade de utilizar oportunamente o repertório fazem dos contadores de histórias, ainda hoje, personagens indispensáveis a determinados ambientes. Basta ver, infelizmente, o êxito social dos grandes contadores de anedotas (MEIRELES, 1979, p. 41).

5. O Teatro de Fantoches

O teatro de fantoches é uma antiga forma de expressão artística originada há cerca de três mil anos. Desde então, os bonecos foram usados para animar e comunicar ideias ou necessidades de várias sociedades humanas. Os contadores de histórias podem utilizá-los como auxiliadores de sua performance no ato de sua apresentação.

Alguns historiadores defendem que seu uso antecipou os atores no teatro. Evidências mostram que eram utilizados no Egito em 2000 a. C, com o uso de figuras de madeira operadas com barbante.

Bonecos articulados de marfim e argila controlados com cordões também foram encontrados nas tumbas egípcias. Os hieróglifos também descrevem "estátuas que caminham" usadas pelos antigos egípcios em peças teatrais religiosas.

Os escritos mais antigos sobre os bonecos são creditados a Xenofonte em registro datado de 422 a.C.

Na América, o surgimento do Teatro de Bonecos aconteceu por volta do século XVI, época dos grandes descobrimentos, o que contribuiu muito para sua divulgação no mundo inteiro. Confeccionado muitas vezes, semelhante à nossa imagem, o boneco se torna um ser misterioso em torno do qual podemos construir um mundo.

No palco toma vida própria através das mãos do manipulador, conta história e transforma a vida numa magia que muitas vezes nos faz sair da realidade pelo seu grande poder de sugestão. Toda a sua expressão se concentra no movimento.

O fantoche é um excelente recurso para o contador de histórias, podendo ser utilizados para dar credibilidade as narrativas.

6. O Lúdico através do ato de contar histórias em bibliotecas

Trabalhos realizados em bibliotecas tais como, contação de histórias, no qual a criança interage com o adulto na medida em que a história está sendo contada, são excelentes recurso para o desenvolvimento sociocultural da criança.

Por sua vez o teatro de fantoches que é uma atividade onde os pequenos se divertem e até imitam as personagens do teatro ou na hora da leitura, quando as crianças mesmo antes de saberem as letras criam às suas histórias vendo as imagens que estão nos livros, identificando coisas, animais, a escola, a figura dos pais, etc., brincadeiras de faz de conta, com objetos e livros de suas escolhas são atividades lúdicas que são desenvolvidas a cada visita que as escolas fazem à biblioteca. E esse trabalho desenvolvido em parceria com as escolas não é meramente para tirar a criança do ambiente escolar, mas para a complementação do seu

aprendizado, diversificando o seu modo de pensar e aprender.

Mesmo nas brincadeiras realizadas, existe sempre uma preocupação em promover o desenvolvimento e socialização da criança com seus pares na descoberta do mundo.

A Contação de histórias proporciona a criança aprender de forma prazerosa, desenvolvendo a espontaneidade, a criatividade, estimulada por ideias e ações provenientes do meio social em que vive e principalmente dos seus familiares, mas muitas das vezes a criança tem como representação simbólica a figura do professor e quando visitam a biblioteca se espelham na figura do bibliotecário e as atividades culturais por ele desenvolvidas que estimulam a construção da capacidade cognitiva, a imaginação e a mente da criança.

Na visita que as escolas fazem levando as suas crianças até a biblioteca a escolha dos livros que os pequenos vão ler ou olhar, é de livre escolha, o (a) bibliotecário (a) não influência em suas preferências.

Para a arte de contar histórias, existe uma receita americana: toma-se uma pessoa ou um animal, que se põe em movimento, em determinada direção. Pelo caminho, irão aparecendo objetos, paisagens... A criança que ouve a história estimulará o talento do narrador... E assim se chegará ao fim. Um fim agradável, naturalmente, com a vitória do Bem sobre o Mal. (MEIRELES, 1979, p.95).

Segundo MORAES (2012, p. 9 e 10), citando a escritora Lenice Gomes, fala que a Arte de Contar Histórias é concebida enquanto arte de brincar com as palavras. Portanto, se eu posso brincar com o que vejo, também posso brincar com o que penso, com as palavras e com as histórias.

7. Diferença Entre Contar História E Ler Histórias

Contar histórias é uma arte, uma arte rara, pois sua matéria-prima é o imaterial e o contador de histórias um artista que tece os fios invisíveis desta teia que é o contar.

A arte de contar histórias traz o contorno, a forma. Reutiliza a memória e nos conecta com algo que se perdeu nas brumas do tempo. (BUSATTO, 2003, p. 10 e 11). Segundo ela, contar história difere do ler histórias, pois contar histórias remete àquela figura ancestral, que, ao redor do fogo, ou ao pé da cama, contava histórias para quem quisesse ouvir, narrava contos do seu povo, àquilo que havia sido gravado na sua memória através da realidade. Já o ler histórias está excessivamente ligado ao livro e a figura do professor o qual enquanto lê, aproveita as figuras para ilustrar sua leitura, descaracterizando assim, a narrativa, ocupando um significativo espaço no processo pedagógico.

8. A Biblioteconomia e o Bibliotecário Contador de Histórias

A Biblioteconomia é uma profissão interdisciplinar, o campo de atuação além de diferentes instituições pode atuar em áreas específicas do conhecimento, que requerem habilidades e competências também específicas para o seu desempenho, assim como desenvolve capacidade de estabelecer boa relação interpessoal com diferentes profissionais. (BERAQUET, 2009).

A Biblioteconomia no Brasil por se tratar de uma profissão regulamentada por lei, que estabelece ao bacharel em biblioteconomia o exercício da profissão, necessita ser registrada no Conselho Regional de Biblioteconomia da jurisdição onde residir, tornando-o legalmente habilitado ao exercício a qualquer dos campos que esta profissão multifacetada oferece.

Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), que data do ano de 2007, os profissionais bibliotecários desenvolvem atividades em bibliotecas e centros de documentação e informação na administração pública e nas mais variadas atividades do comércio, indústria e serviços, com ênfase nas áreas de educação e pesquisa.

Ainda conforme a CBO, são consideradas atividades inerentes ao profissional: disponibilizar informação em qualquer suporte; gerenciar unidades, redes e sistemas de informação; tratar tecnicamente recursos informacionais; desenvolver recursos informacionais; disseminar informação; desenvolver estudos e pesquisas; prestar assessoria e consultoria; realizar difusão cultural; desenvolver ações educativas; demonstrar competências pessoais.

Teoricamente, todas estas são atividades que o bibliotecário pode e vem sendo preparado para desenvolver, até porque muito se fala sobre a expansão do campo de trabalho e de novos nichos de mercado surgidos com a grande demanda por informação e conhecimento gerados pelas características da sociedade atual.

Segundo BERAQUET, et al. (2006), fala que o campo de atuação do bibliotecário é amplo porque além de diferentes instituições, ao ingressar no mercado de trabalho, pode atuar em diversas áreas.

O bibliotecário além de mediador de leitura e disseminador da informação e, por dominar a literatura tem todo um repertório para garantir a qualidade das histórias escolhidas para o seu público alvo. Assim sendo, ele tem o dever de mostrar aos ouvintes que a contação de histórias é uma arte fascinante como todas as artes, através de histórias contadas, cantadas ou vivenciadas.

Segundo (MORAES, 2012, p. 18 e 19), no ato de contar histórias é o narrador quem molda a sua criatura, a história, exercendo o caráter de criador sobre a sua criação no momento que prepara e conta a história. Os elementos de decisão do narrador dividem-se em três grupos, os quais são os atributos do narrador: o tudo saber sobre a história, o tudo poder ante a história e o em todo lugar da história pode estar.

Dessa forma o bibliotecário inserido nesses atributos conhece a história e através

de sua imaginação e conhecimento do ambiente pode definir as características dos personagens, tom de voz, olhares, etc.

Ainda segundo (MORAES, 2012, p. 18), a arte de resumir e de enriquecer a história com detalhes, descrições e sensações, vincula o atributo de tudo saber sobre a história ao atributo de tudo poder ante a história.

MACEDO (2005, p. 69), no livro Biblioteca Escolar Brasileira em Debate, relembra a profissionais de outras áreas, em especial aos vinculados à educação, que o bibliotecário faz uso de habilidades e competências próprias, adquiridas no decorrer de sua formação em curso superior de biblioteconomia e ciências da informação. Segundo ela, com esse background, associado às práticas da educação contínua e

de pós-graduação, ao amor à arte, à criatividade e determinação existentes nesse campo de conhecimento, estudo e pesquisa, bem como no sistema produtivo e movimento associativo, o bibliotecário tem apresentado importantes contribuições a diversas áreas de atuação ao prestar serviços de informação aos mais variados. Entre eles, ela cita a biblioteca no âmbito da educação.

Sendo o bibliotecário um detentor da informação exerce a função de ator social junto à comunidade onde a biblioteca está inserida, podendo dominar o ato de contar e encantar pessoas, através de contos literários narrados por meio de técnicas da arte de contar histórias que é uma prática milenar, perpetuada na história da humanidade.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procuramos apresentar práticas que vêm se consolidando ao longo dos anos nas bibliotecas públicas para que os profissionais bibliotecários tenham um referencial que proponham alternativas para o melhor desempenho dos trabalhos oferecidos ao público que frequentam a biblioteca.

As bibliotecas e consequentemente os bibliotecários, precisam se adequar ao contexto de mudanças e inovações provocados na estrutura sociocultural das instituições, mapeando as demandas do seu público-alvo, não devendo apenas, organizar e classificar informação e conhecimento, ou seja, só fazer uso da taxonomia que é peculiar da ciência da classificação, prática Biblioteconomia. Devem ir além, implementando mudanças que favoreçam e evidenciem o seu lado educador, como também, mediador e principalmente tragam à tona o seu lado de ator social junto à comunidade. Precisam se reciclar e neste sentido, a Arte de Contar Histórias poderá ampliar seus conhecimentos e aproximar mais o público da biblioteca, pois através da contação de histórias o profissional poderá fazer parcerias com diversas instituições, sejam elas, educacionais ou não, para que haja uma integração harmoniosa entre: trabalhos realizados, frequentadores da biblioteca e o profissional bibliotecário.

Porém, o principal objetivo deste artigo é desenvolver uma análise teórica sobre as estratégias que as bibliotecas públicas e profissionais bibliotecários podem utilizar como ferramentas em relação as atividades sugeridas no Espaço, pois é ele quem lida no dia-a-dia com os usuários e sabe, quais as reais necessidades literárias e culturais do seu público-alvo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERAQUET, V. S. M.; CIOL, R. O bibliotecário clínico no brasil: reflexões sobre uma proposta de atuação em hospitais universitários. DataGramaZero, v. 10, n. 2, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6464>. Acesso em: 20 fev. 2021.

_. Biblioteca escolar brasileira em debate : da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo : Editora Senac São Paulo : Conselho Regional de Biblioteconomia – 8ª Região – São Paulo, 2005.

BUSATTO, Cléo. Contar e encantar : pequenos segredos da narrativa. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

COELHO, Betty. Contar histórias : uma arte sem idade. 10. ed. São Paulo : Ática, 2001.

MACHADO, Regina. Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo : DCL, 2004.

MEIRELES, Cecília. Problemas da literatura infantil. São Paulo: Summus ; [Brasília] : INL, 1979. 3 ed.

MELLON, Nancy. A arte de contar histórias. 2. ed. Rio de Janeiro : Rocco, 2006. MORAES, Fabiano. Contar histórias : a arte de brincar com as palavras. Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 2012.

NUNES, Ana Raphaella Shemany. O lúdico na aquisição da segunda língua. Disponível em: http://www.linguaestrangeira.pro.br/artigos_papers/ludico_linguas.htm. Acesso no dia 25 de novembro de 2020.

VIAL, Jean. Jogo e educação: as ludotecas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. WIKIPÉDIA. Teatro de fantoches: história, 2015. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro_de_fantoches. Acesso no dia 20 de novembro de 2020.